

4. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992) ¹

Apresentação (1995)

Maria de Lourdes Parreiras Horta

A reunião de Caracas: histórico e metodologia

O Seminário "A Missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios" realizou-se em Caracas, Venezuela, de 16 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, por iniciativa da Oficina Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe (Orcalc) e do Comitê Venezuelano do ICOM, com o apoio do Conselho Nacional de Cultura (Conac) e da Fundação Museu de Belas Artes da Venezuela.

A convite do Comitê Organizador, cujo mentor, Hernán Crespo Toral, diretor da Orcalc, havia participado ativamente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, reuniram-se representantes de 11 países latino-americanos com reconhecida competência e exercendo funções de direção na área dos museus, para refletir sobre a missão atual do Museu como um dos principais agentes do desenvolvimento integral na região (cf. Introdução à Declaração de Caracas). A discussão desse tema chave, tomando como antecedentes os princípios e postulados da Reunião de Santiago, teve como pressupostos a necessidade de atualizar os conceitos formulados 20 anos antes, a renovação dos compromissos assumidos a partir daquele momento, a consideração do contexto latino-americano em seu processo acelerado de mudanças e a consciência da proximidade do século XXI.

Os participantes, um de cada país (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Peru e Nicarágua) e dez representantes da Venezuela, cumpriram um programa intensivo de debates, reuniões e grupos de trabalho, durante 23 dias de convivência ininterrupta, inclusive compartilhando os apartamentos do hotel Hilton de Caracas, local onde se realizaram todas as sessões do Seminário. Para mim, como brasileira,

¹ Evento realizado em Caracas, Venezuela, 1992.

a única falando "portunhol", a experiência significou em primeiro lugar a "descoberta" da América Latina, do que *es ser latinoamericano*, um tema que perpassou todos os momentos do Encontro, sem uma formulação conclusiva mas com uma compreensão empática daquilo que sentimos em comum. Inicialmente com uma incrédula surpresa, e ao final com nítida certeza, descobri a minha *latinoamericanidad*, e fui impiedosamente flechada por Bolívar, Simon, el Libertador. A experiência dessa convivência íntima, que aos poucos desmascarou até os problemas pessoais dos *compañeros* de jornada, entre risos, lágrimas, merengues e salsas, foi a meu ver um dos componentes mágicos do processo de integração do grupo de participantes, que se revelou na expressão final do Documento como uma única voz, uníssonas e consensual, expressando uma grande harmonia de ideias, pensamentos, vivências, crenças e esperanças. Tivemos discussões acaloradas, resultantes de experiências e contextos diversos e infinitamente variados, que se desenrolavam e desatavam umas após as outras, como ondas rolando até a areia... *Sin embargo*, como diriam os demais, ao final restava apenas a consciência de que estamos no mesmo barco, surfando nas mesmas águas e chegando às mesmas praias, incrivelmente, sem morrer... As versões "portunholas" e "castelhanas", dos mais diversos acentos, eram na verdade variantes de uma mesma história, com assombrosa similaridade de conteúdos e de fatos. A solidariedade desse "ser latino-americano" foi posta à prova e foi reforçada nos minutos finais do Encontro, após uma noite quase em claro a redigir os tópicos do Documento, quando acordamos assustados com o ronco dos aviões e descobrimos que não poderíamos sair do hotel até que houvesse o desfecho da revolução que tentou derrubar o presidente daquele país. Como num conto latino-americano, o Documento final da Declaração de Caracas foi redigido em um dos apartamentos, com muitos sentados no chão, enquanto lá fora rolava mais uma *revolución*.

A metodologia do Seminário contemplou três momentos, ou "módulos" sequenciados: uma série de conferências, fóruns e mesas redondas, com especialistas nos mais diversos assuntos no contexto da América Latina; uma sequência de reuniões de grupos, por tópicos, em que se fizeram exposições de casos e debates sobre os temas propostos e a leitura de documentos, preparados pelos participantes com antecedência, e a sua análise crítica; e finalmente as discussões plenárias de todos os tópicos, e a redação do Documento. O Seminário contou ainda com intervalos para visitas a vários museus, contatos com personalidades do mundo cultural venezuelano e uma visita ao interior do país. Cada participante,

ao ser convidado, elaborou um documento de base sobre o contexto de seu país, abordando os seguintes aspectos: políticas culturais e museus, inserção das políticas museológicas nos planos do setor Cultura, em seu país; o Museu frente ao entorno, reflexão sobre a ação social dos museus e sua reação perante as mudanças político-sociais e ambientais; comentários sobre a realidade nacional; tipologia tradicional de museus e novas propostas (econômicas, Museu Integral, parques, experiências nacionais inovadoras etc.); os "públicos" dos museus-conhecimento, segmentação, estratégias de captação e formação, respostas do público a experiências dos museus; os recursos humanos, o perfil dos profissionais, programas de formação, resposta do Museu às novas necessidades e à interdisciplinaridade; a estrutura organizativa do Museu, estatutos jurídicos, administração, a situação financeira do Museu, a crise econômica, o apoio da empresa privada, a capacidade de geração de recursos. Com base nestes documentos preliminares, produzidos por cada representante sobre o contexto de seu país, iniciou-se o trabalho de análise e discussão dos tópicos e do contexto latino-americano. Dos textos em geral extraíram-se cinco pontos de enfoque, que constituíram os temas do Documento Final: *Museus e comunicação*, *Museus e gestão*, *Museus e liderança*, *Museus e recursos humanos*, *Museus e patrimônio*. Dividiram-se os participantes por tema, para o aprofundamento da discussão. Coube-me o tema de minha preferência, *Museus e comunicação*, do qual participei como relatora, apesar de meu "portunhol". É interessante notar o método de trabalho proposto para a análise dos problemas e situações: o elenco das "fortalezas", das "oportunidades", das "dificuldades" e das "ameaças" ou "riscos", em cada caso. Com alguma relutância, aceitei o método analítico, que ao final provou funcionar a contento.

O que há de novo na Declaração de Caracas

O Documento de Caracas pode ser lido sob três ângulos, em seu conteúdo fundamental:

- a) um balanço da situação dos museus na América Latina hoje, com suas fortalezas, oportunidades, dificuldades e riscos. Do texto pode-se tirar um perfil das mudanças político-sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas na América Latina nos últimos 20 anos, e da transformação conceitual e operacional ocorrida nas instituições museológicas;

- b) uma "releitura" do Documento de Santiago e sua atualização, considerando-se o primeiro aspecto de conteúdo e a visão do futuro que se apresenta com o século XXI;
- c) uma agenda de atuação e uma proposta de conceituação para os museus hoje, os desafios a serem enfrentados, as metas a serem alcançadas, uma nova visão destas instituições e uma proposta de definição de suas funções e modos de atuação de acordo com a realidade do Continente.

Dessa análise, destacarei apenas alguns pontos fundamentais:

- 1) O Documento de Caracas retoma os princípios e pressupostos de Santiago, constatando a vigência de seus postulados e os efeitos de sua visão revolucionária no conceito atual do Museu como instituição, na América Latina. A construção ideal do Museu Integral, destinado a "situar o público em seu próprio mundo para que tome consciência de sua problemática como homem indivíduo e homem social", é entretanto reformulada em Caracas: ao propor a queda dos "muros" dos museus, levando-os a expandir-se no enfoque do território e da problemática da vida humana e social, o Documento de Santiago provoca um movimento irreversível (no contexto latino-americano), de abertura para o entorno e a realidade em que se situam estas instituições. A proposta de Santiago, obviamente "datada" no contexto da época, ainda deixa perceber uma visão de dentro para fora, e uma "função social" do Museu com laivos didáticos ou "catequéticos"... O "papel do Museu" é de conscientizar as massas sobre a sua própria problemática humana e social... Pergunta-se: até que ponto não foram as massas e sua problemática, a crise econômica e ambiental que forçaram os museus a sair de seus muros?
- 2) A função do Museu no Documento de Santiago ainda postula a "intervenção" no meio social e no seu território, cabendo-lhe ainda um papel de "mestre", conscientizando o "público" sobre a necessidade da "preservação" do patrimônio cultural e natural. Ainda temos um Museu cheio de certezas, definidor de um discurso, por mais que revolucionário, ainda monológico. A ideia de "museu", em sua nova forma "integral", ainda é nebulosa, com um "papel" (representação, imagem?) a ser desempenhado, que se configura mais ideologicamente, politicamente, socialmente, do que funcio-

nalmente, especificamente, tecnicamente, pragmaticamente. Talvez seja esta a razão da dificuldade que se tem até hoje de se definir o que é um "ecomuseu", que como diz Hugues de Varine, "não tem nada a ver com esta história" (de Santiago). No Documento de Santiago, chega-se a um novo conceito de "patrimônio global a gerir", no interesse do homem e da sociedade, mas esta competência ainda é vista como um privilégio do Museu (atendendo aos interesses dos técnicos do Patrimônio, que buscam a preservação desse patrimônio); não se fala ainda da Comunidade como gestora desses bens, com sua visão própria e seus próprios interesses.

- 3) A reunião de Caracas vai encontrar os museus imersos naquela realidade econômica e social, política e ambiental, humana e comunitária a que os levou o movimento inovador de Santiago. Nesta nova realidade, 20 anos depois, os museus procuram "se situar", descobrir o seu espaço no território social em que estão inseridos, e enfrentam as dificuldades desse processo. Descubrem que se não se situarem na trama social, morrerão jogados na praia... O monólogo transforma-se em diálogo, a função pedagógica (afirmada em 1958 no Rio de Janeiro) transforma-se em "missão comprometida", não mais como a sociedade, em termos vagos, mas com a comunidade em que estão inseridos, ou em que buscam inserir-se, para ter alguma razão de existir. A transformação dos conceitos da própria Museologia, não a "nova", mas a "atual", leva à clarificação da especificidade da função do Museu; não mais como um "papel" a ser desempenhado, mas como uma ação concreta e específica, comprometida com os acontecimentos, as realidades locais, e envolvida nessas realidades, não como um "mestre" ou "dono da verdade", mas como parceiro ou como instrumento de desenvolvimento.
- 4) A grande novidade que me parece surgir do Documento de Caracas é a transformação do Museu Integral (abrangente mas fugaz, impalpável, etéreo em sua idealidade) no Museu Integrado (termo não formulado, mas implícito nas propostas e postulados do Documento) à vida de uma Comunidade. Mais do que realizações, propõem-se ações e processos que contemplem e considerem as particularidades de cada contexto local e específico, no qual atuam e se situam. Não mais a "globalização" genérica e perigosamente simplista do território, do patrimônio, do meio ambiente, mas a

localização concreta, efetiva, consciente, em determinado espaço social. Esse Museu Integrado não é mais concebido como uma "entidade" acima de qualquer suspeita, olhando (como só Deus o poderia fazer) para a "totalidade" do trinômio território-patrimônio-sociedade, e refletindo-se nessa totalidade como um Museu Integral; nesta nova visão, o Museu é concebido como um "meio" de comunicação (reconhecendo-se sua "linguagem" própria) entre os elementos desse triângulo, servindo de instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais (sem ignorar nenhuma delas, inclusive as forças econômicas e políticas): um instrumento que possa ser útil, em sua especificidade e função, ao "homem indivíduo" e "homem social" para enfrentar os desafios que vêm do presente e do futuro. Um instrumento que ele possa manejar com as próprias mãos e com a própria mente, em seu processo de desenvolvimento integral, e que lhe sirva para perceber que após uma *revolución* segue-se outra, para o bem ou para o mal.

Petrópolis, 28 de março de 1995.